

A POESIA NO COTIDIANO¹

Péricles de Holleben Mello*

Ao iniciar esta fala me recordo dos primeiros versos de “Martin Fierro” em que ele pede inspiração e ajuda aos Santos do céu ... Ele diz assim: “Aqui me ponho a cantar /ao compasso desta viola / o homem a quem desola/ uma pena extraordinária/ como a ave solitária / com o cantar se consola/ /Me venham santos do céu /ajudem meu pensamento /lhes peço neste momento/ em que vou contar minha história/ me refresquem a memória / e me aclarem o entendimento”.

Peço ajuda não só aos anjos do céu, mas também a minha amiga Zenilda Batista Bruginski, que é a grande responsável por esse momento em minha vida e minha presença aqui no auditório de nossa Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, neste Encontro de Poetas e Trovadores.

Não sou crítico literário (e os pontagrossenses que estão aqui sabem disso); não tenho nenhuma elaboração escrita sobre poesia e literatura. Sou, como muitos de vocês, alguém que, por contingências pessoais, teceu uma relação forte com a poesia, desde a infância, e escreveu alguns poemas. Alguns desses poemas foram publicados. De alguns eu gosto. A poesia é também uma intenção muito especial dentro de mim.

Um belo dia, antes das eleições municipais do ano passado, Zenilda me disse: - “Péricles, nós teremos, em março de 2001, um Encontro Nacional de Poetas e Trovadores em Ponta Grossa e gostaria que você participasse da abertura e poderia declamar alguns poemas”. Confesso que fiquei um pouco preocupado mas imaginei que viria na condição de político - como deputado estadual ou prefeito (se tivesse a felicidade de ganhar a eleição municipal, o que de fato ocorreu). Faria um discurso inicial, cumprimentando os escritores e poetas, e ouviria algumas palestras. Ontem à tarde, para me certificar melhor sobre o Encontro, liguei para Zenilda e ela de pronto me esclareceu que havia me inscrito para que eu fizesse uma reflexão sobre a poesia no cotidiano. Eu fiquei doido. À noite estive em sua casa na esperança de mudar a minha participação, mas fui finalmente convencido por ela e um dos seus amigos trovadores,

¹ Depoimento feito no auditório da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Encontro Nacional de Poetas e Trovadores, em fevereiro de 2001.

* Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992). Pós-graduado em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1984). Graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná (1977). Professor adjunto, licenciado, da disciplina Hidrologia Aplicada do departamento de Geociência da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná. Email: pericleshm@uol.com.br.

que se encontra aqui entre nós, a fazer um depoimento a partir de minha experiência pessoal, minha relação e vivência com a poesia, meu cotidiano e atuação política. Imediatamente me lembrei de uma passagem do Evangelho de João que me fortaleceu muito nesta última jornada eleitoral: “No mundo tereis aflições mas tendes bom ânimo. Eu venci o mundo”. Acabei me animando! Estou aqui e espero que com a ajuda dos anjos do céu, de nossa amiga Zenilda e da energia que vocês me passam, consiga falar agora de algumas coisas que, em toda minha vida, só falei com grupos de amigos.

Também estou muito feliz pela presença de Maria Cândida Furtado..., amiga de tanto tempo, do começo da nossa caminhada política e cultural em Ponta Grossa, com quem, juntamente com Eduardo Gusmão, Flavio Fanuchi, Adriano Pilatti, Newton Maurício e alguns outros, criamos o grupo chamado “Musi-Literário”. Depois achamos que o nome era muito fora de época e passamos para “Cooperativa de Arte e Cultura” (Cooperarte) que empreendeu algumas aventuras culturais em nossa cidade no final da década de 70 e início de 80.

Há um poema de que gosto muito porque nele encontro o que pude refletir sobre poesia nesses mais de 40 anos de vida - a ânsia e a tensão de reflexão a que o ofício de tentar escrever um verso provoca sobre nós - mas também a magia e os momentos maravilhosos que você experimenta na busca da poesia. É o poema “Mar Português” de Fernando Pessoa:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu”.

Gosto muito desse poema, acho que é uma das coisas mais bonitas que alguém já escreveu e que ele contém os elementos fundamentais da busca da poesia. Ele contém a imagem do fundamento de um povo. Imagens fortes que nascem da vida do povo português, que estão presentes na consciência e no inconsciente de cada cidadão. O Poeta usa imagens tão simples, mas por isso mesmo tão marcantes, que, passado tanto tempo, ainda emocionam qualquer pessoa.

A imagem da noiva que espera por casar - imaginem, naquele contexto que ele escreve, o que isso significava. O marinheiro que ia além dos limites do Bojador (além dos limites da terra conhecida) e que avançava nessa grande aventura dos mares que os portugueses realizaram. A imagem da mãe chorando, pelo filho que está no mar ou nele morreu. Também uma imagem muito forte. A imagem dos filhos rezando para que o pai regresse. Sal do mar como se, em parte fosse feito dessas lágrimas. Então, a metáfora - esse poder da imagem que nos passa essa poesia! O autor consegue pegar o momento singular da história de um povo e capturar, no seu verso, a universalidade dos seres humanos. Este para mim é o primeiro princípio da poesia. A poesia só pode existir se o poeta consegue, na sua singularidade, capturar; resgatar aquilo que na sua vida, na sua experiência singular, existe de universal. É só por isso, por causa desse elemento universal, que os outros seres conseguem reconhecer e sentir a poesia, que é uma coisa singular que o poeta escreveu. Nesse mesmo sentido, como nos lembrou Miguel de Unamuno, sobre a tarefa fundamental da arte e da poesia: “Encontrar o universal nas entranhas do local e, no circunscrito e limitado, o eterno”.

É uma coisa muito interessante, porque é só quando você é singular, singular de maneira profunda em sua concretude, é que você consegue atingir aquilo que é universal. E isso na filosofia se chama particular, é a relação entre o singular e o universal, daí a dificuldade e o drama da poesia. Porque se você fala só do universal, você não faz poesia; você faz uma tese, você faz um texto. Se você só fala do singular, sem ultrapassar seus limites e atingir o universal; você não faz poesia, você pode cair numa “lengalenga”, uma choradeira, uma coisa que só interessa a você, num certo momento, e não interessa a mais ninguém.

E nesse poema Fernando Pessoa consegue, de uma forma ímpar, articular a singularidade do povo português com os sentimentos, as imagens e expressões que são universais em todos os seres humanos e realiza uma das peças mais lindas da literatura. O ritmo do poema, as palavras simples e conhecidas, os elementos simbólicos da época como o Bojador, nas imagens construídas, e ele diz: - “Valeu a pena? /Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”. É um poeta que mostra que a beleza das coisas está na vida, nos seus desafios; está no cotidiano, mas é preciso descobri-la e, para isso, tem que se superar o medo, o preconceito; ir além das coisas pré-estabelecidas. E ele fala mais, “Deus ao mar o perigo e o abismo deu, mas nele é que espelhou o céu”. Acho que toda a experiência da poesia que tive, tão difícil, mas tão mágica e tão bonita, sinto nesse poema de Fernando Pessoa que tanto admiro.

Na verdade, a poesia surge do nosso sentimento, mas ela é vinculada profundamente ao processo cultural que vai definindo nossa existência. Minha mãe é gaúcha e, acredito que por influência de meu avô, desde pequeno me ensinou a declamar poemas e a primeira relação que tive com a poesia foi a relação com a palavra e com a rima e no decorar os versos. Essa relação se expressou em mim com um lado rico e um lado tenso, complicado. Até hoje para escrever tenho uma tensão muito forte, porque as palavras nos prendem e então libertam. Sinto uma necessidade de colocar uma palavra que gosto no lugar certo e perceber o ritmo

em que escrevo, por isso a gente escreve com dor. Como diz Jorge Luiz Borges “Em poesia, a palavra vale menos pelo seu conteúdo, significado, do que pelo contexto e a cadência em que é colocada no poema”. Mas essa foi a minha primeira relação com a poesia, através da leitura e de recitar poemas.

Na minha família, minha mãe teve uma formação cultural formal mais ampla e mais sólida que meu pai, mas, por outro lado, meu pai tinha um sentimento artístico, tocava gaita, violão. Essa relação me fez gostar de poesia desde o início. Eu escrevi alguns poemas muito simples, resgatando dentro de mim algumas imagens que marcam minha vida inteira e que eu repito muitas vezes. Uma imagem é a imagem do pardal, porque eu morava no bairro de Uvaranas em uma casa com muitas jabuticabeiras e no amanhecer e entardecer os pardais faziam um concerto e era emocionante.

Porém, certa vez, durante a madrugada, houve uma tormenta muito grande em Ponta Grossa e na manhã seguinte, quando eu e meus irmãos levantamos, nos deparamos com dezenas de pardais mortos no quintal. No outro dia, minha avó, uma gaúcha muito pragmática que morava a uma quadra de nossa casa, ofereceu aos netos (imaginem só!) sopa com carne de pardal. E essa imagem me chocou muito, porque um passarinho, que cantava e trazia uma imagem tão meiga para mim, demonstrava toda sua fragilidade no meio da tormenta e pude ver os pardais mortos na calçada e, com a solução tão prosaica de minha avó, aquilo me chocou.

Mas é interessante como algumas coincidências acabam acontecendo quando carregamos por muito tempo imagens marcantes dentro da gente. Quando tinha por volta de 25 anos, um de meus primos, Marco Aurélio morreu. Foi encontrado morto num final de tarde perto de sua casa e não sabemos até hoje a verdadeira causa de sua morte. Ele estava num período de fragilidade em sua vida, com problemas psicológicos; era bem mais novo e meu amigo, e às vezes procurava meu apoio. Quando cheguei ao seu velório, me veio a imagem dos pardais e escrevi estes versos de que gosto muito, A M.A.:

Se perdeu assim como os pardais
se perdem na tormenta,
e não como os rios se perdem
ou se ganham no mar.

Saí do velório e encontrei José Gaspar Chemin, velho amigo, no bar do Altair (na primeira esquina próxima a UEPG, Av. Bonifácio Vilela com Júlio de Castilhos) e antes que lhe falasse meus versos ele me disse: “Péricles, ontem nos Campos Gerais aconteceu uma grande tormenta e morreram centenas (talvez milhares) de pardais”.

São imagens que me acompanham e que nascem na minha infância. Imagens que gostaria de as ter revelado e escrito versos, mas que outros escreveram e quero dar um exemplo, nesse sentido, com uma poesia de Ferreira Gullar. Uma das outras imagens mais fascinantes de minha infância surgia ao acordar de manhã, enquanto minha mãe ou a empregada lavavam

roupa nos fundos de casa. Quando ouvia a água jorrando no tanque, sentia que aquele barulho era uma expressão da vida e da manhã. Sentia a manhã, e o fulgor da manhã, no barulho da água. Estava na universidade quando Ferreira Gullar, do exílio argentino, lançou seu livro “Poema Sujo”, onde ele diz assim, ao explicar o processo do amanhecer: - “Até que de galo em galo/ um galo/ rente a nós/ explode/ no quintal/ e a torneira do tanque de lavar roupas/ desanda a jorrar manhã”.

Ou seja, a imagem vinda da infância se encontra nos versos de um outro poeta. Isso é um momento fascinante, de epifania, na vida de qualquer um de nós.

Outra imagem é a imagem das margaridas, que são flores que parecem sol e são flores muito frágeis. As margaridas de repente murcham e morrem, têm uma vida breve e um murchar veloz. Essa é uma imagem que carregue e um dia falei sobre margaridas. No discurso de posse como Prefeito, comparei minha mãe à uma margarida frágil que resplandece, pois ela é bem magrinha, pesa 42 quilos, embora seja também muito forte. Em sua fragilidade ela lembra um pardal e lembra também uma margarida. Escrevi um poema sobre as Margaridas:

As margaridas frágeis desconhecem
que um ritmo de morte nelas tece,
o rio que se agita em seus abismos,
para ofuscar seu brilho.

E brilham mais as margaridas breves.
Alvíssimos sóis que resplandecem
no hemisfério claro do jardim
enquanto a noite espessa do barro se mistura
cobrindo de tédio as margaridas nuas.

Postas no vaso sobre a mesa,
iluminam a sala de um frescor
que contradiz a morte em sua escuridão.
Mas do brilho artificial em que persistem,
fabricam o seu tímido murchar.

Arrancadas da terra não palpitam,
sucumbem longe das formigas
sem nenhuma história para contar.

Então, a imagem na poesia é muito importante, porque é o elemento que vincula a experiência singular e concreta do poeta à universalidade do ser humano.

Essa ideia de imagem é fundamental na ação política. Não existe oratória sem imagem. Não existe discurso que cale em alguém se esse discurso não for elaborado e calcado em imagens. Daí que essa relação com a poesia nos ajuda muito.

Está aqui o Gerveson que é vereador e tem me acompanhado nessa trajetória. Quando subimos em palanques, nos inspiramos, falamos sobre os temas em que nos reconhecem, as propostas a que você veio ..., Mas você só prende o público quando consegue criar, capturar uma imagem porque a imagem tem uma concretude que explode, que vai além de si. Cada pessoa que a sente, imagina-a da sua forma. E João Cabral de Melo Neto fala “prefira as palavras concretas às palavras abstratas, porque na concretude está o real e a imagem”. Uma margarida é uma coisa em si, um pardal é uma coisa em si.

E em termos de imagem gostaria de contar para vocês sobre algumas que nós criamos em nossas aventuras, nossa ação política, nossa viagem pelo universo da cidade, e das quais eu gosto muito. Algumas como brincadeira, momentos lúdicos, e algumas em relação com outras pessoas e instituições. Inclusive nessa última campanha nós construímos uma relação muito forte com as Igrejas, um encontro sobre o qual eu nem havia criado muito expectativa e, de repente, foi uma das coisas mais bonitas na eleição.

Na eleição municipal anterior (1996), estava fazendo um discurso e de repente me lembrei de uma imagem, que acabei repetindo depois em todos os comícios. O meu vice daquela campanha chama-se Valdir de Lara. Ele é mais baixo que eu, meio careca e um dia, no início da campanha, no mês de agosto, nós passeávamos pela rua Coronel Claudio (nosso Calçadão) e me senti triste porque me pareceu que, apesar de ter nascido em Ponta-Grossa, ser candidato a prefeito e vereador com duas legislaturas, pouquíssimas pessoas me conheciam. Então falei “Valdir, confesso que estou preocupado, parece que ninguém nos conhece, como é que podemos pensar em ganhar a eleição? E ele me respondeu “Pois é, veja como é a vida, se você fosse radialista como o nosso adversário, bastava um ano e todo mundo te conhecia”. Nesse momento me surgiu uma imagem. Quando Valdir disse para mim “Péricles, se você fosse radialista bastava um ano e todo mundo te conhecia”, captei dessa conversa com ele, a possibilidade de repeti-la nos meus discursos em palanque, porque ela, com uma pequena complementação, passaria a ideia de que havia uma cumplicidade e amizade forte entre nós dois (candidato a prefeito e seu vice) e aquilo quebrava também o formalismo. Além disso, a imagem continha em si uma denúncia, uma advertência e uma crítica. Era como se estivesse dizendo ao eleitor para não votar em alguém só porque é mais conhecido pelo fato de ser radialista, mas analisar a história e as realizações de cada candidato.

Nos comícios, no momento propício, narrava então a experiência de nossa primeira caminhada de campanha pelo Calçadão e a queixa que havia feito ao meu companheiro: “Poxa Valdir, você é o melhor vereador que eu já conheci, há tantos anos está trabalhando por nossa cidade. Eu estou também há muito tempo nessa trajetória (e narrava ações e projetos por ele e por mim realizados, para concluir), e ninguém nos conhece? Valdir me olhou e disse: ‘Péricles, se você fosse radialista bastava um ano e todo mundo te conhecia’”.

Imediatamente percebia que aquilo perturbava o público, provocava uma reflexão. O discurso continuava: “Mesmo assim nós tivemos coragem e continuamos lutando. De repente

a campanha começou a crescer e tomar corpo, então uma semana atrás eu e Valdir fomos novamente passear pelo Calçadão, e nós não conseguimos andar! Todo mundo nos abraçava. O Valdir apesar de baixinho e meio careca (nesse momento o abraçava e passava a mão em sua cabeça), muitas pessoas o abraçavam e as estudantes mandavam bilhetinhos carinhosos e até de amor e pediam para que seus pais e parentes nos ajudassem e participassem da campanha”. A partir daí, com a atenção do público que crescia, aproveitava para explicar as razões do crescimento da campanha em função do trabalho de cada liderança ao meu lado no palanque, apresentando cada uma delas e sua história, o que consolidava também a minha trajetória, a trajetória de nossos candidatos a vereador e do o meu candidato a vice-prefeito e abria espaço para a exposição de nosso Plano de Governo.

Com relação a campanha eleitoral mais recente, a campanha vitoriosa do ano que passou (2000), gostaria de destacar a utilização de uma imagem bíblica. Foi uma campanha em que aprofundi minha compreensão das Igrejas enquanto instituições da sociedade e que por isso mesmo deveriam ser valorizadas pela administração municipal sem que, por esse motivo, ela perdesse o seu caráter laico. Valorizei e discuti as igrejas em quatro sentidos. Enquanto instrumento de agregação comunitária; de orientação para a vida baseada na fé, no amor e na solidariedade; enquanto instrumento de assistência social emancipadora e enquanto expressão da cultura do povo de Ponta Grossa. Esse discurso foi muito bem compreendido e aceito não só pelas igrejas, mas por toda a população. Ao mesmo tempo participei de muitos cultos e missas e encontros religiosos, e reli os quatro Evangelhos e gravei passagens e imagens que me marcaram para sempre. Mas foi numa noite, em que estava na casa de um Pastor evangélico, depois de assistir a um culto belíssimo na pequena Igreja improvisada na sua garagem; de ele ter me contado que veio do Amazonas com a mulher e os filhos, e de uma longa conversa sobre a campanha, meu plano de governo e a ideia de orçamento público participativo que surgiu a imagem fundamental, utilizada por mim em todos os comícios. No final de nossa conversa o Pastor me disse: - “Tudo o que você me falou, Péricles, está no Livro de Êxodo, capítulo 18. Leia e conte essa passagem para as pessoas que irão te ouvir em tuas reuniões e encontros”.

Comecei todos os comícios narrando nestes mesmos termos o encontro com o Pastor e na continuação dizia:

- “Vou contar então para vocês, como prometi ao Pastor, essa passagem Bíblica (nesse momento eu percebia um profundo silêncio e atenção do público): No Livro de Êxodo, Moisés, como líder do povo de Israel, está atendendo milhares de pessoas que esperam sua vez em uma longa fila. Ele recebe, em determinado momento, a visita do seu sogro chamado Jeto, que lhe dá um conselho: ‘Não está certo o que você faz, você não terá saúde para atender sozinho todas as pessoas que esperam para ser atendidas. Você vai ficar doente, vai se cansar e não poderá cumprir sua missão. E essas pessoas que te esperam aos milhares, mulheres, com filhos no colo, crianças, velhinhos, tomando chuva, sol, o sereno de madrugada, também não conseguirão ficar na fila até serem atendidos por você. Por isso faça diferente: escolha entre os melhores

homens e melhores mulheres para te ajudar, um deles atenderá 10, o outro 50, outro 100 e o outro mil e isso será bom para você e para as pessoas que esperam para serem atendidas”.

E, eu terminava a história dizendo: “Vocês que estão aqui neste comício são os melhores homens e as melhores mulheres do povo e nós viemos aqui convidá-los para nos ajudar a ganhar as eleições e a governar Ponta Grossa a partir do ano que vem junto comigo”. Era um momento muito forte e esse momento continha uma metáfora, uma imagem. E uma imagem bíblica que está em nossa mente mais profunda, em nosso inconsciente coletivo, porque essas são imagens milenares, expressando arquétipos. Era uma sensação impressionante, uma empatia poderosa entre o orador-candidato e o público.

E eu digo isso para mostrar a potência pura da imagem na relação com a oratória e a poesia.

Neste mesmo sentido, talvez por estar falando sobre Igrejas e religiosidade, ocorre-me uma outra imagem que me acompanha desde criança - a imagem das velas acesas. Minha mãe reza muito e acende muitas velas. Criei-me vendo as velas acesas em cima de guarda-roupas e bidês e essa imagem é muito funda em mim. Um dia escrevi um pequeno poema que se chama Oração:

Essas velas eternamente acesas.
Essa mulher esperando uma tragédia todo dia.

Gostaria também de narrar outro momento que me foi muito especial. Nesses encontros, ou tentativas de encontro com a poesia, tive muitas frustrações por escrever pouco e com muita tensão, como já disse; e, talvez, seja em razão dessas dificuldades que tudo que escrevo sei decor. Mas, de alguma forma, pelo costume de recitar poemas, pouquíssimos de minha autoria, todos os primos me atribuíam uma certa condição de poeta da família. Um dia (isto foi no início da década de 70) nós estávamos, lembro-me bem, entre parentes e amigos, na lanchonete “O Vagão”, uma das primeiras que funcionaram em Ponta Grossa nessa época. A presença mais marcante nesses encontros era sempre a de meu primo Jorge Luiz. Com uma personalidade extraordinária, inteligência e senso de humor incomuns, ele atraía as pessoas para ouvi-lo nas rodas de conversa e começou a surpreender toda a família desde que foi aprovado no vestibular de Direito, destacando-se como um dos melhores alunos do curso. De um passado colegial relapso e aparente despreocupação com os estudos e as formalidades escolares, ele começava a revelar uma sagacidade e maturidade intelectual privilegiadas, imitando os melhores professores do curso, introduzindo passagens de Kant, Hegel e da dialética com uma fluência que nos deixava pasmos. Nesse dia, em torno de uma das mesas do Vagão, começamos a falar sobre poesia e, de repente, para espanto geral e minha enorme frustração, Jorge Luiz nos apresenta um calhamaço de folhas de papel e começa a ler alguns poemas entre as dezenas e dezenas que havia escrito. Ele tinha dezenove anos, era dez meses mais novo do que eu. Morreu um ano depois num acidente de carro. E eu gostaria de ler um

de seus poemas mostrados e lidos naquele que foi um momento luminoso, mas também de uma grande frustração, pois me fez compreender que o verdadeiro poeta da família não era eu, pelo fato de declamar, mas sim meu grande amigo e primo Jorge Luiz. Eu gosto muito desse poema e vou ler para vocês:

Se eu te pudesse dar uma estrela,
e alado fosse como num mito,
revolveria o pó do infinito
para te dar do céu a mais bela.

Lanço-me infeliz na insana espera
De arder-me em chamas o sol precito
quedo-me então solitário e lento
como Ícaro em asas de cera.

Se vago o deserto, a mata, o mar
Se o frio da noite meu corpo gela
Quero-te tanto e sem vacilar.

Vivesse ainda e vivesse ela
voltaria a morrer sem lamentar
se eu te pudesse dar uma estrela.

Então, talvez nesta sala, quantos poetas escondidos podem estar aqui? E essa foi minha grande frustração mas também um grande exemplo e incentivo para continuar na busca da poesia. E eu acho que, de certa forma, a poesia me acompanhou de todas as maneiras e ela me ajudou a desenvolver uma percepção de Ponta-Grossa muito particular, da qual o Movimento Cidade Viva, cujos fundamentos orientaram as duas últimas campanhas municipais de que participei, foi a maior expressão.

Esse conceito de Cidade-Viva, surgiu um dia por acaso, a partir de minha amizade com uma estudante de jornalismo desta universidade chamada Indianara. Ela foi embora de Ponta Grossa há muito tempo e nunca mais a vi.

Eu procurava um nome para o jornal de prestação de contas do mandato de vereador (creio que no ano de 1993) e ela me trouxe uma lista com vários nomes e começou a ler. Quando ela disse “Cidade Viva”, imediatamente percebi que era exatamente o que eu procurava, me apaixonei por esse nome, conversei com os melhores amigos e companheiros e nós criamos o Movimento Cidade Viva. E eu acho que essa visão de cidade, que junto com muitas pessoas conseguimos elaborar, se deve muito à poesia. A racionalidade não pode ser o único elemento de percepção do mundo. A poesia, a música, as artes plásticas - a arte em geral - permitem que uma força política (e de esquerda em particular) faça uma autocrítica, que vá além de seus dogmas racionais, de um suposto cientificismo na política. O horizonte trazido pela arte, e

mesmo pela religiosidade, o mergulho cada vez mais profundo na vida, nos sentimentos, no cotidiano das pessoas, permitem à prática política perceber que a verdadeira transformação social precisa penetrar num universo que vai além da razão.

Nós fomos ao encontro dos escritores e artistas de Ponta Grossa e dos Campos Gerais. Poetas populares como Beto Carlinhos e Adilson dos Reis que vêm de nossa periferia mais sofrida, e tantos outros. O resgate de nossa poeta maior Anita Philipovski (agora há pouco conversava sobre ela com o Professor Gimenez que tanto se dedica à Extensão Universitária), cujo poema “Os Poentes de Minha Terra” é uma das coisas mais bonitas já feitas em Ponta Grossa e me foi revelado por Rosélis Nápoli, nossa grande professora de literatura, e Álvaro Rocha, nosso primeiro Reitor. O grande maestro parnanguara Waltel Branco, a meu pedido, musicou o poema com uma peça magistral que tem encantado o público pontagrossense na voz de Flavio Fanuchi e Eliss de Castro Anita morreu com problemas mentais e infelizmente perdeu quase tudo que escreveu.

Eu acho que a poesia nos deu esses elementos necessários para que nós pudéssemos ter uma visão diferente de Ponta Grossa; resgatar a cidade que estava perdida, esquecida, o esplendor dos Campos Gerais, a identidade pontagrossense, o turismo, nossos poetas, artistas populares, a emergência do povo, a religiosidade, todas essas coisas.

Esse horizonte e sentimento poético que palpitam no movimento Cidade Viva (e que se revelam das mais diversas formas, seja na música, nas artes plásticas, no urbanismo, na arquitetura) são responsáveis por tudo isso que nós conseguimos que as pessoas aceitassem e nos levou ao governo municipal.

Mas, feita esta primeira aproximação com o conceito de Cidade Viva, gostaria de falar de uma outra imagem forte que me habita, que é a imagem dos livros e da biblioteca. Quando uma pessoa passa dos 40 anos de idade, ela já está mais madura e mais serena e começa também a aceitar melhor sua pequenez. Quando somos novos, não aceitamos. Nós temos uma relação inversa com o tempo. Quanto mais novos, mais desesperados com relação ao tempo; quanto mais velhos, menos desesperados porque começamos a ter uma outra noção mais elaborada de tempo e também uma noção dos nossos limites.

Mas eu sempre tive uma ânsia de conhecer e isso me dava um certo desespero, porque era impossível conhecer tudo, e eu não aceitava, confundia-me com esse limite. E os livros passavam para mim esse desespero.

Então, fiz uma poesia que vou dizer para vocês que fala sobre os livros, cujo nome é Biblioteca. E fala também sobre um ícone de minha juventude.

A Estante

A estante vazia

é o primeiro retrato da busca.

É a estante em sua pureza
apesar dos equívocos da natureza
ou da marcenaria.

A estante cheia de livros
é o segundo retrato da busca.
Verga sob o peso avassalador dos volumes
mas cumpre seu destino de estante.

Não sei qual retrato é mais triste.

Os Livros

Todos esses livros
lidos, relidos, virados pelo avesso.
Até que a última palavra
desprendida do papel
se aloje no horizonte.

Todos esses livros
desabam sobre mim
e como o tempo acumulado
me fazem retornar, em outra dimensão,
à primeira dúvida.

Todos esses livros que não li.
Todos esses livros
que servem mais para adornar esta sala
ou retratar o desespero.

O Retrato

Nessa parede vives para sempre.
Mas que vida será essa que não sentes?
Aí está o “CHE” ardente...
que pelas noites me induz e recrimina.

São poemas que fiz e que retratam as imagens das coisas que me perseguem nesse drama e nessa magia de tentar construir a poesia.

Mas eu queria falar uma outra coisa. Acho que essa é a maior dificuldade. A fuga do lugar comum. Isso sim é uma coisa que persegue quem quer escrever. Porque a poesia tem valor se é criação. Se alguém já disse aquilo, ela perde muito de seu valor. E como nós somos assaltados pela vida, sempre assistindo jornal, ouvindo rádio, lendo poesias, o lugar comum está dentro de nossas consciências. Então às vezes você consegue uma solução bonita, do

ponto de vista da imagem e do ritmo, mas você caiu no lugar comum. E a poesia perde o valor. Esse é outro drama para quem quer escrever. O inarredável lugar comum e que tantas vezes nós caímos nele.

Mas, contraditoriamente, pode-se dizer que também pode existir para o lugar-comum um espaço na poesia, sem vulgarizá-la, dependendo da forma como é colocado.

Momentos em que os lugares comuns surgem de forma substantiva, desnudados. Arrisco um exemplo com um poema que concluí recentemente. Aqui os lugares-comuns aparecem como ícones, arquétipos e assim utilizados sem disfarce - talvez!? O que vocês acham?

Idílio

O tempo que estende suas garras,
com postiças unhas, sapatos de mulher,
nela se instala.

Ausente olhar da fera que me enreda,
do anjo que me ampara.
O fulgor da bailarina,
o eco da guitarra.

Envolvido seu corpo em labaredas,
tombo, ávido de amor,
corda silente.

Nem marcas de batom,
estrela da manhã
lua minguante ou sol poente.
Nem mãos dadas,
num instante, para sempre.
Nem a doce miragem dos amantes.
Do idílio ficou
o perfume e o encanto da serpente.

Gostaria de concluir, retornando ao Movimento Cidade Viva. Ao longo deste depoimento repeti muitas vezes que a poesia nos faz olhar o mundo de uma outra forma. Nos releva, nas coisas mais simples, o que ela tem de maravilhoso. Supera a nossa alienação. E os intelectuais tem uma alienação muito forte, que é a alienação de fugir para longe - o bom é o que está longe, inacessível. Falamos mal do que está a nossa volta.

Para a esquerda sempre foi assim, me formei e meu sonho era morar em Paris, ou em São Paulo, ou no Rio de Janeiro, falando muito mal de Ponta-Grossa. E essa é uma alienação muito difícil e complexa do homem. Acho que a poesia nos faz voltar para o lugar que é o

nosso lugar, onde nós estivermos, seja aqui ou seja em qualquer outro lugar. E por isso, um dos trechos de meu discurso de posse como Prefeito Municipal, a parte mais importante para mim, sobre o Movimento Cidade Viva, diz assim:

Síntese de nossas experiências e encontro de nossos caminhos, o Movimento Cidade Viva surge de um mergulho profundo no universo maravilhoso da cidade. É um movimento de regresso e de amor, de redescoberta e valorização. Que enfrenta o que está perto ao invés de fugir para longe. De uma maturidade que, fiel aos princípios de generosidade, justiça e liberdade, supera o pensamento e ação política colonizados e os dogmas caducos. Um movimento que só pode existir por ser fruto de um sentimento coletivo e de um olhar diferentes. Um olhar que se nutre da razão, mas também da emoção, da ciência, mas também da arte, do futuro, mas também do presente, da história, mas também do cotidiano. Um sentimento, um olhar, um projeto político, social e cultural, que se afirmam na busca incessante da identidade profunda de Ponta-Grossa e sua região, de sua terra e sua gente, repetindo sem cessar: “conhece a tua aldeia e serás universal”.

A poesia faz com que nós possamos conhecer de uma outra forma, mais profunda, aquilo que está ao nosso lado e revela a beleza do nosso cotidiano.

Por último, eu quero agora - comecei com Fernando Pessoa, com o mar que é perigoso mas nele está o céu - quero terminar dizendo um poema que escrevi e também gosto, que se chama Vida:

Vida, só tenho uma.
Quisera duas ou três ou muitas
e as gastaria sem nenhum zelo.

Vida, são tantas vidas.
Quisera uma, quisera una,
sem vãos apelos.

Quisera vida, viver-te inteira,
seguir o rumo de tuas réstias,
de teus abismos até à beira.

Quisera vida, que mais não queira.

Muito obrigado.

Recebido para publicação em 16 jul. 2018.

Aceito para publicação em 30 jan. 2019.